

Muita viatura e nenhum policial

"Foi um dia quente e tenso e eu acompanhei pelo rádio tudo o que se passava lá embaixo", lembra o diretor regional da Empresa de Correios e Telégrafos, Jorge Eduardo Rodrigues Martins. Quando a situação parecia calma, ele decidiu ir embora e foi da janela de seu apartamento, na 202 Norte, que Jorge Eduardo pôde enxergar as primeiras labaredas de fogo, provocadas pelos incêndios em viaturas da polícia, que dava início, de fato, ao **badernaço**.

E não demorou muito para que o gerente fosse comunicado de que a agência da ECT, no Setor Hoteleiro Sul, havia sido saqueada por vândalos. "Quando cheguei, já estava tudo destruído, mas o fogo havia sido dominado pelos próprios funcionários da empresa", recorda Jorge Eduardo. Com isto, foram evitados prejuízos maiores, pois o fogo não chegou ao segundo andar, onde está instalado o computador que centraliza todos os telex que chegam e saem de Brasília.

Foi uma ação rápida e muito bem organizada, como concluiu a comissão de sindicância designada pelo GDF, para investigar estes episódios: "Fato que ficou claro para a comissão, foi

a existência de um grupo organizado infiltrado na manifestação que, à margem, provocou atos de violência".

Conforme relato de repórteres do **CORREIO BRAZILIENSE** que cobriram o badernaço, o primeiro incêndio aconteceu às 18h45, quando a Rodoviária, surpreendentemente, já estava totalmente despolicada, mas com seus carros, camburões e ônibus devidamente estacionados, mas sem nenhum motorista por perto, como se à espera do pequeno mas eficiente grupo de vândalos.

MELHOR ÂNGULO

Tão tranquila foi a ação deste grupo que os fotógrafos puderam, enfim, trabalhar à vontade. "A gente até escolhia o melhor ângulo, a melhor fogueira para fotografar", conta Júlio Alcântara, do **CORREIO**, que, mais tarde, porém, teve todo seu equipamento destruído pela própria polícia. Quinze minutos depois, começaram a retornar algumas tropas, mas já era tarde. "Eu subia a escada rolante da Rodoviária para fazer algumas fotos na plataforma superior e em seguida deram uma

cacetada no meu flash que estourou. Reagi, mas foi pior. Tiraram-me a máquina à força e rebentaram-na no chão e depois jogaram lá de cima", conta o fotógrafo, concluindo: "Achei até estranho, pois em vez de correrem atrás dos baderneiros, passaram a atacar os reórtos".

Com a chegada da polícia, os baderneiros fugiram em direção à agência da ECT. Agiram rápido e foram para o Setor Comercial Sul, onde destruíram agências bancárias, como da Caixa Econômica Federal e do Banco Safra. Sem qualquer perseguição, os manifestantes chegam ao Setor de Rádio e Televisão Sul e lá viram um carro no estacionamento da Rádio Nacional e, mais adiante, destroem um ônibus da TCB, em plena W3 Sul, quando começam a se dispersar.

O dia de pavor chegava ao fim. Pelo rádio, o então porta-voz da Presidência da República, Fernando César Mesquita, afirmava que "os militares estão no quartel e espero que continuem lá". Com tal declaração, não é de se admirar que o **badernaço** tenha se desenvolvido de forma tão eficiente.

O RESULTADO DA SINDICÂNCIA

A comissão de sindicância instituída pelo Decreto nº 9.971/86 do GDF teve a participação de representantes do ministério público, jornalistas, empresários, sindicalistas, professores e

policiais. Ao final de dois meses de trabalho, este grupo havia tomado depoimento de 13 pessoas, entre civis e militares, com conclusões bem claras:

1. "...às lideranças da manifestação não de responsabilidade direta com relação aos fatos desordeiros... Ficou claro o papel de moderação exercido pelas lideranças, nos momentos de confronto em frente ao Congresso e ao Ministério da Fazenda, assim como na ordem de dispersão dada na Rodoviária, antes dos atos de destruição se iniciarem".
2. "Fato que ficou claro para a Comissão foi a existência de um grupo organizado infiltrado na manifestação que, à margem, provocou atos de violência. A comissão não conseguiu identificar nenhum destes manifestantes, além dos dois apresentados pela imprensa, sem vinculação aparente com os grupos desordeiros. Os membros deste grupo se comportaram de forma coordenada e parecendo ter metas dentro de missões a cumprir".
3. "Foi observado por todos — líderes da manifestação e comandantes da polícia — que se tratavam de jovens usando camisas amarelas como marcas de distinção, de porte atlético e atuando com grande mobilidade, dando a impressão de uma ação planejada e comandada; além disso, e mais grave, o grupo dispunha de alguns tipos de artefatos menores, inclusive, surpreendentemente, de um maçarico, usado na destruição dos carros".
4. "Não deixa de causar estranheza o fato de que as Polícias Militar e Civil, que antes se mostraram tão eficientes, quando grande era a concentração popular, não foram capazes de empreender perseguição a um reduzido número de vândalos que, sem grande pressa, seguiram em percurso de destruição, nas viaturas da polícia, na Rodoviária, no prédio dos Correios e Telégrafos e no Setor Comercial Sul".
5. "Não foi possível identificar qualquer grupo de esquerda marginal que dispusesse de mobilidade e recursos para uma ação deste nível".